



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
CENTRO DE ARTES – CEART
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROF-ARTES

ISADORA SANTOS BARBOSA

**Mediando a construção da Identidade Cultural em distritos da Bahia:
Uma experiência em São Francisco do Conde**

Salvador/BA

2020

Resumo

O presente artigo analisa o projeto homônimo *Mediando a construção da Identidade Cultural em distritos da Bahia: uma experiência em São Francisco do Conde*, que promoveu ações com os estudantes da rede pública de ensino, os quais participaram como público e produtores culturais. A ideia surgiu com a experiência vivida no Centro de Estudos e Aperfeiçoamento do Saber, localizado no distrito de Caípe de cima da cidade de São Francisco do Conde/BA, considerando as possíveis mudanças sociais ocorridas na cultura tradicional e local por interferência das novas políticas, religiões e tecnologias. Fundamentado na proposta triangular de Ana Mae Barbosa; na importância da arte como experiência conceituada por John Dewey e na visão geográfica de Milton Santos, o projeto sugeriu a mediação na construção processual por oportunidades oferecidas dentro do ambiente escolar, muitas vezes não adequadas a outro meio. O artigo preconiza motivar docentes de diversas áreas no auxílio da formação da identidade cultural de alunos da rede pública do Ensino Fundamental II. O artigo também apresenta uma preocupação com os valores tradicionais e demonstra experimentações consideradas bem sucedidas que se complementam no processo da construção identitária. Considerando as influências geradas pela globalização, propõe que a escola deve orientar e exibir elementos que fortaleçam o sentimento de pertencimento de cada cidadão, a ponto de fazer com que batam no peito e digam: “Eu sou a minha cidade!”.

Palavras chave: Identidade Cultural; Distrito; Tradição; Resistência; Ensino de Artes.

Abstract

This article analyzes the project Medianting the construction of Cultural Identity in districts of Bahia: an experience in São Francisco do Conde, which promoted actions with the students of the public school system, where they participated as cultural producers and public. The idea appear with the experience lived at the Studies' Center and Improvement of Knowledge, located in the district of Caípe high zone of the city of São Francisco do Conde / BA, considering the possible social changes that occurred in local traditional culture for interference of the new policies, religions and technologies. Based on the triangular proposal of Ana Mae Barbosa; in the importance of art as an experience conceptualized by John Dewey and in the geographical view of Milton Santos, the project suggested the mediation in the procedural construction for opportunities offered within the school environment, often not appropriate in other place. The article recommends motivating teachers of different fields to help in the formation of the cultural identity of students of public elementary school II. The article also presents a concern with traditional values and demonstrations that are considered successful experiments that complement each other in the process of identity construction. Considering the influences generated for globalization, he proposes that the school should guide and exhibit elements that strengthen the feeling of belonging of each citizen, to the point of to make them beat in the chest and say: "I am my city!".

Key-words: Cultural Identity; District; Tradition; Resistance; Arts Teaching.

Introdução

A construção da identidade de um indivíduo se origina a partir da influência do seu local de nascimento e a sua experiência adquirida através da família. Quanto à cultura, é possível dizer que, ainda no ventre materno, o ser humano tem capacidade de desenvolver uma memória afetiva ao ouvir as vozes de seus pais e pessoas mais próximas, bem como as músicas que fazem parte do ambiente familiar. Ao nascer, toda criança costuma ouvir canções de ninar, historinhas de cunho educativo e brincadeiras pertencentes à região em que vive. Essa particularidade é que determina a identidade cultural de cada um. O projeto “Mediando a construção da Identidade Cultural em distritos da Bahia: uma experiência em São Francisco do Conde” visa auxiliar na formação da identidade de alunos de escolas da rede pública de ensino das séries do Ensino Fundamental II. Esses alunos representam a faixa etária que costuma receber uma quantidade extensa de conteúdos e muitas possibilidades de experiências culturais, tendo o(a) professor(a) como mediador(a) das vivências que podem nortear a sua identidade cultural; e o aluno pode compartilhar suas experiências em festes populares; para que a troca de conhecimento seja disseminada de forma coletiva com toda a turma. Esclarecendo sobre o assunto, cito um trecho do livro *O espaço da cidadania e outras reflexões*, de Milton Santos:

" A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é um herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Incluído o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo..." (2013; pág. 139)

Para entender a necessidade deste estudo é preciso, primeiramente, assimilar o conceito de identidade e de cultura. Identidade, refere-se ao conjunto de características que distinguem uma pessoa e por meio das quais é possível individualizá-la, ainda que seja um elemento de um conjunto ou comunidade.

Sobre a cultura podemos dizer que indica o conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracterizam uma sociedade. “Para mim é importante termos uma cultura forte, já que ela nos permite entender melhor o rumo da nossa vida, sem necessariamente estar em contradição com algumas leis.”, cita Mbaii Mukendi (diretor de relações externas do canal de televisão

franco-congolês KLJ TV, especializado nos temas de educação, cultura e ciência) em vídeo exibido na exposição do artista Pierre Verger, “*Todos Iguais, todos diferentes?*” . O que ele expressa é que a formação cultural complementa os aprendizados vitais. Ele acredita que a cultura nos permite saber quem somos e para onde devemos ir. Para Mbayi o costume tradicional é apenas um bom-senso, e que tem que ser adaptado à vida contemporânea, de modo que exista uma relação entre o costume tradicional e a contemporaneidade, sem perder sua essência.

Para o artista Emo de Medeiros, que é beninense mas vive e trabalha em Paris, não se pode desprezar o transculturalismo, transformando identidades e representações pós-coloniais em parceria com a globalização, como uma hibridação, uma mutação:

“O que eu entendo por identificação, é alguma coisa que está em movimento, que está ativo, é uma reflexão sobre a que pertencemos, a que queremos pertencer, a que queremos nos identificar. A partir de origens múltiplas de qualquer pessoa, mesmo alguém que vem de um país especificamente, é raro no nosso mundo contemporâneo que os dois pais de alguém venham do mesmo vilarejo há muitas gerações, venham da mesma etnia... Então, tenho a impressão que a identidade somente pode fazer sentido após o processo de identificação e que esse processo de identificação seja um processo deliberado, voluntário, pensado e assumido em todas as suas dimensões.” (exposição *Todos Iguais, Todos Diferentes?*, 2019)

Por concordar com esses pensamentos, compreendo a escola como facilitadora e os professores como mediadores, os quais oportunizam aos seus alunos conhecimentos que eles podem escolher se identificar ou não. Sem a oportunidade do conhecimento é impossível afirmar se uma determinada manifestação pode representar a sua filosofia, a sua crença, os seus costumes. O aprendizado através da cultura ajuda a entender que a tradição é dinâmica, ela pode e sofre modificações que a ressignificam, mas se é denominada como tradição, existem essências que são importantes para sua preservação.

O projeto citado neste artigo visa oportunizar aos jovens estudantes momentos em que possam se expressar através da experiência dos costumes e manifestações artísticas. Para que possam vivenciar e identificar quais fazem, ou poderão fazer parte da sua cultura, lembrando-se de respeitar a escolha do outro. Considerando que cada indivíduo que faz parte da turma possua diferentes realidades e costumes, o trabalho na escola será direcionado de acordo com o interesse despertado pelos estudantes,

promovendo um diálogo entre tradicionalidade e as possíveis mudanças, ocorridas em consonância com a contemporaneidade.

Seguindo essa linha de raciocínio, busquei embasamento não apenas em livros, filmes ou exposições, mas em manifestações culturais locais, possibilitando análises e comparações que concretizam os relatos. Atuar como docente na cidade de São Francisco do Conde, mesmo sem ter nascido lá, me fez mudar meu olhar que agora vеторiza de dentro para fora, ajudando-me a perceber influências e adaptações sofridas pelas manifestações culturais do local, com olhar mais apurado.

As análises entre as manifestações culturais existentes na cidade trouxeram ideias para as práticas artísticas escolares que compõem o projeto aqui analisado. Elas envolvem desde o debate comparando o visual e o contexto histórico, como também as produções artesanais, os figurinos e a parte cênica, englobando a encenação teatral, a música e a dança, resultando em uma prática festiva como culminância do projeto.

Para falar de formação cultural, é importante entender a formação histórica e econômica da região. A cidade vive da exploração do petróleo, o que desequilibrou a sociedade local nos últimos 60 anos, onde poucos ganharam muito e muitos começaram a apresentar estado de pobreza e dependência financeira da prefeitura de São Francisco do Conde. Empregar-se na prefeitura passou a ser a maior expectativa do povo franciscano. Esta fase “decadente”, ocorrida nos anos 60, afetou a população em diversos aspectos, prevalecendo a falta de dinamismo. Nos distritos, os reflexos foram ainda mais perceptíveis. Resultando nesse desequilíbrio social que oprime os mais pobres, que não se mostram como pertencentes de uma cidade culturalmente tão rica. É como se a realidade da cidade sede fosse algo muito distante da realidade dos moradores do distrito, quando na verdade, a diferença não é tão extrema assim.

Vale ressaltar que essa situação não afirma a ausência da cultura popular nessas regiões, porém que a visibilidade, o respeito e a valorização não são os mesmos dados às manifestações culturais tradicionais da cidade sede. Contudo ainda existem outros fatores negativos como a distância entre os distritos e a falta de transporte, restando-lhes apenas condução cara e informal disponibilizada pelas vans. Essa realidade induz que os moradores dos distritos busquem soluções cotidianas na própria comunidade. Cabendo aí a reflexão feita por Roberto Da'Matta (1997), onde a casa e a rua não são um simples

espaço geográfico, mas sim espaços de ações sociais e morais, permitindo leituras e construções diferenciadas.

Por consequência da desigualdade social gerada pela exploração petrolífera na cidade de São Francisco do Conde, ocorreu uma redução da autoestima dessa população que se sente inferiorizada diante do padrão de vida de alguns. Essa redução da autoestima foi um dos fatores que suscitou o crescimento de instituições religiosas no local, as quais prometem e promovem um equilíbrio mental e espiritual, porém impõem regras que modificam os costumes da comunidade. Essas instituições vêm reunindo muitos adeptos e fazendo com que estes acreditem que algumas manifestações culturais sejam ações restritas à religiosidade de matriz africana, esquecendo o princípio que cultura é a manifestação de um povo em sentido amplo. Esse choque cultural juntamente com as divergências entre opiniões ocasionam uma diminuição do número de participantes em manifestações tradicionais que abrangem a história do povo franciscano. A preocupação com as referências culturais permanece ao perceber o quanto os conflitos religiosos estão dificultando o engajamento de alguns alunos, que informam não poder participar do evento sobre a consciência negra porque a religião deles não permite ações como danças e desfile. Neste sentido, o desafio foi, e sempre será, trabalhar com os estudantes para mostrar como a diversidade de etnias ajudou a construir São Francisco do Conde culturalmente e está presente no cotidiano da cidade.

Apesar de o município de São Francisco do Conde ser um local extremamente rico culturalmente, trata-se de uma cidade que não possui diversidade de ambientes artísticos como museus, teatro, cinema. O museu mais próximo, Museu Wanderlei Pinho, fica localizado na cidade de Candeias, município próximo que possui um comércio bastante forte e atende até a população franciscana. A sede desse museu, fechada há mais de 20 anos, está localizada em uma casa-grande, erguida no ano de 1760, e se encontra em restauração. Diante desta realidade - falta de opções culturais no distrito e no seu entorno - com o apoio dos professores das outras disciplinas, decidimos evidenciar esses e demais problemas existentes que dizem respeito à vida de todos. Buscando a interdisciplinaridade nos unimos em prol de resoluções, de modo que os estudantes pudessem perceber que as oportunidades de progresso educacional estão além da linha imaginária que determina a faixa de terra pertencente à cidade.

Nesse trabalho interdisciplinar, utilizamos a arte para instigar reflexões sobre a cultura e produzir uma consciência histórica nos estudantes, sem idealizar fronteiras entre os campos de saberes, ajudando-os a progredirem como cidadãos, estabelecendo o reconhecimento de si dentro do grupo a que pertencem. O “desinteresse” pelas manifestações culturais por parte do público jovem abriu espaço para novos tipos de lazer, nos quais canções populares tradicionais são deixadas de lado e a invasão das novas tecnologias traz novos ritmos musicais, novas danças, consequentemente novos comportamentos. Penso que, não priorizar as questões culturais influencia negativamente no progresso educacional dos jovens, porquanto a globalização e a ascensão da internet no cotidiano vêm ocasionando modificações sociais que podem ser utilizadas como aliadas à pesquisa e ao aprendizado. Para isso, é preciso que o professor esteja sempre atualizado para dominar e orientar o uso da internet de modo favorável. É possível, através das novas tecnologias e da internet, exibir imagens, vídeos, textos e músicas que demonstrem tradições antigas, permitindo analogias e debates geradores de conhecimento.

O fato é que essas modificações sociais vêm trazendo consigo uma inversão de valores, ao ponto de parecer que a quantidade de seguidores numa rede social valha mais do que a convivência em família. Conviver com os mais velhos, por exemplo, possibilita o conhecimento de objetos que não são mais utilizados com frequência, ouvir histórias e músicas antigas, entender a evolução de cada coisa. Através da música, por exemplo, percebemos grandes modificações, pelo surgimento de novos instrumentos musicais, novos ritmos, como aconteceu com o repente, cujas rimas improvisadas ganharam novas características que influenciaram no surgimento do coco, da embolada, e até mesmo do hip hop no Brasil.

Desse modo, podemos listar como problemas a religiosidade, a globalização e as limitações no que tange ao acesso a equipamentos culturais. Mas o que seria o causador do problema? O que está afastando os jovens das tradições de sua origem cultural? Ao longo da pesquisa, venho buscando respostas para estas perguntas e, concomitantemente, tento despertar a valorização cultural com o intuito de estimular a vontade de participar das apresentações artísticas. Talvez a falta de interesse da nova geração tenha aumentado pela escassez da vivência em manifestações culturais e pela falta de conversas reflexivas sobre o assunto. Ao decorrer da pesquisa busco cultivar o

reconhecimento e a sabedoria popular de cada lugar, explicando o "porquê" da existência das manifestações culturais locais. Porém constato que tem ficado mais difícil para os grupos culturais "semear a raiz", nutrir a conexão com o meio em que vivem. Vejamos o pensamento do autor Milton Santos:

"A cultura popular tem suas raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, a vontade de enfrentar o futuro sem romper a continuidade. Seu quadro e seu limite são as relações profundas que se tecem entre o homem e o seu meio. Assim, desde que imunizadas contra os fatores de banalização que o consumo, entre outras causas, carrega, as populações desenraizadas terminam por reconstruir uma nova cultura popular, que é ao mesmo tempo filosofia e, por isso, um caminho para a libertação."(2013, pág. 144/145)

É bem verdade que o afastamento dos jovens e a sua cultura regional não foram ocasionados apenas pelos motivos citados. Com o passar dos anos muitas outras modificações sociais vêm alterando comportamentos e pensamentos da comunidade.

Outro fator, que não pode deixar de ser citado, é a banalização das drogas tornando uma geração de jovens ora agressivos ora depressivos pelos efeitos que elas produzem. Além disso, houve um processo mutacional na área musical consumida pelo povo, pela população em massa, em que letras com uma linguagem chula, com xingamentos e danças que simulam o ato sexual são recorrentes, associada a espécie de som hipnotizador tocados nas malas dos carros superequipados com enormes caixas de som, popularmente chamadas de paredões.

No livro "O Baile Funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos", o autor Hermano P. V. Júnior se aprofunda nas modificações sociais relacionadas ao lazer dos jovens. Para ele, "o tempo faz com que a consciência coletiva perca suas forças. São imprescindíveis tanto as cerimônias festivas quanto os rituais religiosos para reavivar os laços sociais, que correm sempre o perigo de se desfazer." (pág.15). Na sua obra, Hermano tenta explicar o conceito de festa através da integração com diversos elementos que a compõem, como a música, a energia social, entre outros. Para entender a festa e a repressão da festa, ele expõe a teoria de outros autores que facilitam entender porque é gerada essa repressão. Para Jean Duvignaud, autor do livro "Festas e civilizações", os novos tipos de festa não se tratam de uma regeneração e sim de uma ruptura do que se refere à cultura, agindo como "um grande ato destruidor"; já para Michel Maffesoli, autor do livro "A sombra de Dionísio", as causas das modificações

festivas são o individualismo e o utilitarismo contemporâneos, que controlam as relações sociais tendendo a desintegrar rapidamente.

A repressão aos novos conceitos de festa mais ocorrida na cidade de São Francisco do Conde originou-se da população de uma faixa etária adulta e idosa, por ainda se encontrarem em processo de adaptação desse comportamento contemporâneo. Isso se dá por terem ciência da importância das tradições culturais para a integração social e para a identificação regional que vêm sendo comprometidas pela globalização e pelo novo estilo individualista de viver. Por estarmos sempre em processo de modificação histórica e social, podemos denominar este fenômeno como transculturalismo, abrangendo a resistência das tradições e a aceitação das novidades como representação de uma cultura, como ocorreu com o Arrocha, ritmo musical bem aceito na cidade em referência, mas que foi criado na região.

“Candeias, São Francisco do Conde, Camaçari, Maragogipe, Mata de São João, Monte Recôncavo são locais que presenciaram o surgimento deste ritmo contagiente e diferente. A tentativa aqui não é estabelecer um marco zero para a origem do arrocha, já que os músicos são andarilhos que vivem de cidade em cidade buscando complementar com a arte de combinar sons, uma renda extra para fugir do arrocho salarial pago nesta região aos trabalhadores.” (Santos, Daniel Nascimento dos. 2012; pág.15)

A identificação dos problemas e a busca das soluções para os mesmos serviram de combustível para realizações de trabalhos que ampliassem as oportunidades para que os estudantes pudessem se identificar com algo que faz parte do seu cotidiano de forma natural e prazerosa.

“Classificar ou regulamentar as motivações, os valores e os interesses da prática festiva, no entanto, não é o mais importante. A relevância aqui denota a pluralidade desses elementos, suas interfaces, bem como a inter-relação desses com a vida cotidiana de uma população e de um local.” (Rosa, M^a Cristina. 2002; pág.19)

A citação complementa a ideia de que devemos enxergar a festa como um elo de ligação das manifestações culturais, exibidas nos festejos populares, com os costumes da população. Esses costumes incluem a política, a organização, a decoração, as mercadorias, as falas, as vestimentas, os encontros, tudo que caracteriza o local e propicia comportamentos essenciais às relações humanas. Quando se fala de festa, parece futilidade ou apenas diversão, mas talvez seja a maior ligação em massa de uma população. Na maioria das vezes provoca prazer e, por consequência disso, gera uma memória afetiva.

A fase que antecede a realização de uma festa, seja lá qual for o motivo do festejo, reúne grupos, que aceitam opiniões, tomam decisões, se dedicam a uma única causa, assim como deve acontecer na sala de aula. Essa etapa inicial é tão importante quanto a festa em si. As etapas seguintes também possuem grande relevância. No caso de festas populares, como as que inspiram a Proposta Pedagógica aqui citada, após os planejamentos vêm os ensaios, juntamente com as produções das vestimentas e dos adereços. Este estágio é o que mais integra os participantes, com a necessidade da dedicação de cada um, buscando a harmonia e o sucesso na finalização. Na festa, para quem se apresenta têm, além do “frio na barriga”, a emoção de apresentar e de receber a resposta do público. O final de um evento festivo desperta o prazer de ter proporcionado um momento de alegria para a comunidade e a sensação do dever cumprido, do objetivo alcançado. E é com o despertar deste prazer que o projeto pedagógico sugere a festa como recurso motivador educacional. Comprovando que quando o aprendizado é prazeroso se torna inesquecível.

A prática festiva dá ênfase ao ensino da arte que é realizado em sala de aula. Além de aprimorar habilidades motoras, ajuda a entender a sociedade e seu tempo. Possibilitando ainda, trabalhar junto a outras disciplinas do currículo básico. A arte é capaz de baixar o nível de estresse e ansiedade e ao mesmo tempo aumentar a autoestima e autopercepção. Isso se dá pelo prazer que a arte proporciona a quem a pratica. Unir o prazer gerado pela arte com a alegria gerada pela festa aumenta a possibilidade de ações sucessivas na proposta encontrada no projeto pedagógico citado neste artigo.

A cidade e a arte

Pensando como um norteador e como força motriz de resistência que valoriza a essência das tradições culturais regionais, o uso da arte na educação integral foi então iniciado no Centro de Estudos e Aperfeiçoamento do Saber (CEAS). O CEAS é a única escola de ensino fundamental II destinada para atender a nove distritos que ficam a aproximadamente 20km de distância da cidade sede, São Francisco do Conde, e muitos desses alunos nunca foram até a cidade mencionada. Como se apropriar da cultura de

um lugar sem conhecê-la? Daí a situação problema que despertou a preocupação quanto à formação cultural desses alunos residentes em tais distritos.

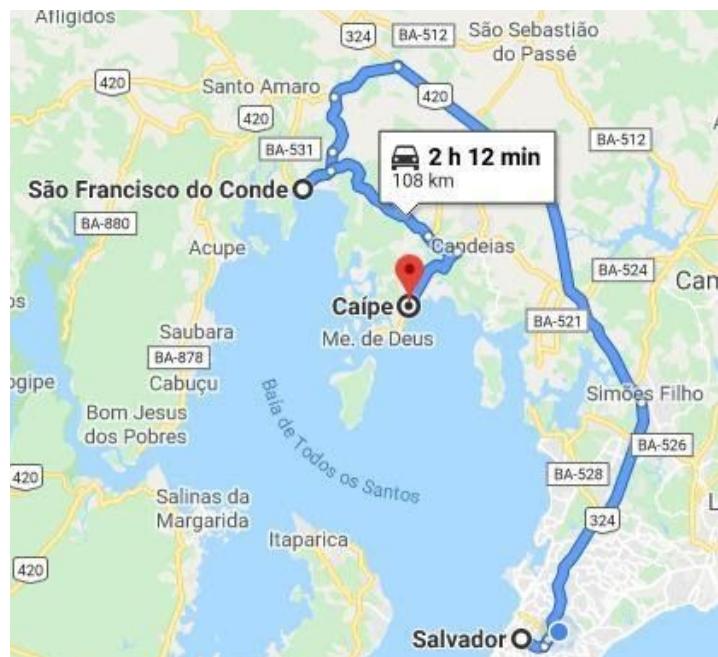


Figura 1: Mapa identificando a distância entre a capital e o distrito em que se localiza a escola.

Fonte: Google Maps

Pela dificuldade em encontrar referências bibliográficas na escola, tanto na instituição quanto através dos alunos, me senti na obrigação de levar para a escola informações sobre a origem da comunidade local, como professora, que atua não só como educadora e instigadora do conhecimento, mas também como facilitadora da formação da identidade cultural dos discentes. A formação ocorre de forma processual pelas oportunidades oferecidas no ambiente escolar, que promove vivências ímpares, muitas vezes não pertinentes à outra esfera social. A matriz curricular destinada ao ensino da Arte na rede educacional franciscana sugere a questão cultural, embora não disponibilize um material adequado para o desenvolvimento deste tema.

Entre tantas manifestações artísticas possíveis de serem abordadas nesse contexto, gostaria de trazer, a título de ilustração, os Mandus e o samba chula. Os Mandus correspondem a um grupo de indivíduos que se fantasiam no carnaval e saem provocando alvoroço pela cidade. A festa dos Mandus tem origem em tradições dos povos originários e dos povos de matriz africana. Inicialmente os indígenas acreditavam que os Mandus significavam uma espécie de fantasma e os povos de matrizes africanas

acreditavam que os Mandus eram aqueles que se dedicavam a um orixá, no caso Xangô, Ifã e Obatalá. Com o transculturalismo, esta manifestação passou a ser apresentada numa festa profana, o carnaval. A vestimenta dos Mandus é uma adaptação da vestimenta sofisticada de Babá Egum, que é cultuada na Nigéria, no Benin, no Congo e em Angola. Esses representam espíritos ancestrais, protetores de uma comunidade, que durante a vida tiveram uma posição de destaque como reis, chefes militares ou fundadores de troncos familiares de vilas. No caso do Mandu apresentado no carnaval da atualidade, por se tratar apenas de uma representação teatral, cada um coloca uma peneira sobre a cabeça, põe um cabo de vassoura com luvas nas extremidades para simular a localização dos braços e se cobre com um lençol. Simulando a antiga vestimenta de Babá Egum.



Figura 2: Vestimenta de Babá Egum; Fonte: https://artsandculture.google.com/asset/_/XAHP5qgB0EBcuw; Foto: Cosme Daniel de Paula, 1996; Mandu; Fonte: <http://www.obomdoacupe.com/2011/08/fotos-do-acupe-caretas-bombachos-e.html>; Foto: Felipe Argôlo.

A manifestação apresentada na festa profana tendo sua origem em uma tradição sagrada serve como ponto de partida para o debate em sala de aula. É proposto então, desenvolver um estudo comparativo entre as imagens das duas manifestações (a análise das imagens da manifestação tradicional e da festa de carnaval). Se faz necessário chamar a atenção às semelhanças existentes no objeto utilizado para simular uma grande cabeça, no cabo de madeira que simula os braços, no uso das luvas simulando as mãos, no colorido dos tecidos e escutar outras possíveis observações feitas pelos alunos. A partir da leitura das duas imagens em sala de aula, ilustrando os conteúdos relacionados a esta manifestação cultural, provavelmente os alunos entenderão a origem do povo

franciscano e também que, através da festa é possível enxergar elementos que contam a história de um povo. Da mesma forma, vale ressaltar o processo de modificação e adaptação que uma tradição cultural pode sofrer, seguindo as influências da contemporaneidade, sem perder, contudo, a essência original. Essa visão, que se mostra disponível às novas ideias, abre espaço para a oportunidade de aceitação da opinião dos alunos na experiência prática festiva proposta pelo projeto em articulação com as linguagens artísticas.

Por outro lado, numa aula dialogada e expositiva sobre o samba chula, pode se dar a troca de conhecimentos sobre os diversos tipos de samba existentes. Conhecer as características específicas dos samba chula referem-se às competências; as habilidades são direcionadas aos conhecimentos adquiridos na prática: como assistir a uma apresentação, observar diferença no som e na forma de cantar, a dança, as vestimentas, os instrumentos utilizados, entre outros.

A chula é um tipo de Samba de roda, no qual as cantigas, uma forma de poesia musicada, são de louvor à mulher e à beleza feminina. Nessa forma tradicional de dança somente a mulher pode sambar, como resposta ao canto do homem. O samba chula era realizado, originalmente, depois das rezas de santos, muito populares no interior baiano. A dança da chula só tem início após a declamação dos cantadores, quando uma pessoa por vez samba no meio da roda ao som dos instrumentos e batidas de palmas. Já o samba de roda corrido, que é o mais popular, acontecia quando acabava o rito da chula e uma nova roda era feita para evitar a saída das pessoas. No samba corrido, homens e mulheres podiam sambar e só acabava ao amanhecer. Este aprendizado estimula a imaginação do quanto pode ser divertido interagir com a sua prática. O vídeo publicado no link <https://www.youtube.com/watch?v=0ryggzs5w4> , explica um dos objetivos deste artigo que visa dar continuidade às tradições culturais hereditárias. A leitura de textos selecionados do livro "A cartilha do Samba chula" também pode complementar o conhecimento teórico do conteúdo, como explica o trecho abaixo.

“O Samba vai para além de somente cantar, dançar e tocar; perpassa pelo gesto deter respeito pelo outro, de compreender o seu momento de interferir somente quando lhe é permitido, em tempos que pais e professores estão com bastante dificuldades em lidar com a educação formal (...) O movimento em torno do Samba de Roda não é para escolarizar o Samba, mas, facilmente pode servir para Sambarizar a escola” (Doring, Katharina. 2016)

Os exemplos acima citados, encontrados em pesquisa fora do ambiente escolar, trazem embasamento para a questão cultural sugerida na matriz curricular do ensino da Arte. Estes aprendizados contribuem para a formação integral dos alunos, valorizam a existência da manifestação cultural e auxiliam no entendimento sobre a formação da sociedade local. A arte expressada através da cultura trabalha o conhecimento da história dos alunos, e é de suma importância que eles tenham um leque de possibilidades para o conhecimento acerca do seu próprio “mundo”.

É importante ressaltar que as linguagens artísticas ilustram o aprendizado em todas as fases da vida. É possível aprender como encarar algumas situações assistindo a um filme, por exemplo. As fases da infância e da adolescência são mais abertas ao aprendizado por não terem tantas responsabilidades quanto se tem na fase adulta. No filme “Terreiros do brincar” (Brasil, 2017), Alembert Quindins (Músico de formação popular e historiador autodidata) esclarece: “A criança vê mais colorido! Os olhos dela enxergam mais a matiz, a ‘espátula’ das cores do seu entorno do que o adulto. Criança está com a aura visual aberta para perceber cores que a gente não percebe.” Essa visão gera uma memória afetiva começando pela apreciação e pelo reconhecimento, e progredindo com a motivação do professor para que essa geração dê continuidade e contribua para o enriquecimento e a manutenção das tradições culturais. Ainda no mesmo filme, a pedagoga Maria Amélia Pinho comenta sobre a importância da formação cultural dizendo:

“É impressionante a gente ver como essa manifestação da verdade sai via as expressões do canto, da dança, transformando um ambiente em profunda harmonia e principalmente de uma beleza pura, onde você vê a pureza da manifestação criadora e criativa de um ser humano. E mais ainda! A questão de estarem todos reunidos em função de uma mesma busca, manifestar o seu sentido existencial. E nesse sentido ali, a comunidade está numa irradiação do indivíduo e do coletivo numa comunhão profunda que quem assiste é tocado por uma mesma essência.” (2017)

A professora Ana Mae Barbosa também defende a importância da arte na educação e do seu papel para o conhecimento do grupo ao qual se está inserido, relacionando o modo de vida com as práticas culturais, as crenças e as tradições (2010). Ela afirma que através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade, permitindo uma transmissão de significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursivas e científica. Afirma também que

os que estão engajados na tarefa vital de fundar a identificação cultural, não podem alcançar um resultado significativo sem o conhecimento das artes.

Pensando nessas questões, desenvolvi a Proposta Pedagógica que acompanha esse artigo. Pondo em prática as teorias da professora Ana Mae Barbosa, foram experimentados alguns projetos que facilitaram o aprendizado através da experiência artística. A utilização da abordagem de Ana Mae Barbosa liga a prática artística em três pontos: Ler, Fazer e Contextualizar, propondo uma aproximação entre a experiência e a sua importância. Pensando numa sugestão de eficácia desta abordagem para esta Proposta pedagógica aqui citada, vislumbrei a ideia de que em meio ao período letivo formal poderiam haver alguns encontros no turno oposto destinados aos conhecimentos culturais de suas origens. Podendo considerar tais ações como uma política pública educacional que ocupa o tempo ocioso dos jovens com aprendizado. Contudo, um empecilho na execução desse projeto seria a despesa com refeição no horário do almoço e lanche vespertino para que os alunos, uma vez alimentados, tenham força, saúde e disposição para poderem permanecer na escola em turno integral.

Um projeto pedagógico de grande importância que já acontece na cidade é o “Voarte”: proposta interdisciplinar cujas todas as disciplinas se expressam através da arte. Acompanhando também os pensamentos de Ana Mae Barbosa que sugere que, nas escolas, o ensino das artes não seja visto apenas como uma disciplina complementar, mas que também seja utilizada como ferramenta de aprendizagem para todas as disciplinas. Idealizado pela atual gestão da prefeitura de São Francisco do Conde, o projeto oportuniza a alguns representantes das escolas realizarem apresentações, culminando nos palcos montados em praça pública. Culminar com as apresentações para um público maior faz com que todos se dediquem ainda mais e se sintam mais motivados em participar das ações específicas junto com seu povo.

Além do Voarte, a Secretaria Municipal da Saúde está produzindo, desde dezembro de 2019, um projeto piloto específico para os alunos do Caípe, com destino ao enfrentamento e abordagem de temas complexos que envolvem a situação de vulnerabilidade social e psicológica. A ideia é abordar temas como automutilação, violência doméstica, prostituição infantil, entre outras temáticas sociais recorrentes. Essa mobilização governamental comprova a necessidade de uma ação mais humanizada, que pode utilizar a arte como um meio de integração, reflexão e ocupação

desses alunos a fim de evitar o ócio e diminuir as possibilidades de recorrência dos acontecimentos relacionados aos temas acima mencionados.

Igualmente preocupada com a formação da identidade cultural dos alunos do município, a estudante de pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB), Tatiane Santos da Cruz, realizou um projeto de intervenção para o seu TCC cujo tema é “A educação patrimonial como recurso pedagógico para o ensino de História de São Francisco do Conde”. O projeto realizou uma aula de campo guiada em outubro de 2019, em que alunos do ensino fundamental I visitaram pontos turísticos do município, desenvolvendo o sentimento de pertencimento e dando a importância à preservação do seu patrimônio. Haja vista que é possível perceber que existem deficiências, tanto na autoestima quanto no sentimento de pertencimento, que precisam ser resolvidas e os meios pedagógicos podem facilitar o caminho para a solução.

Por entender o papel central das artes no processo de consolidação da aprendizagem e identidade cultural, me deterei, a seguir, em alguns exemplos concretos de manifestações artísticas da região, como as Paparutas, a literatura de Cordel, a obra do artista Emanoel Araújo e o samba Chula. Os exemplos de manifestações escolhidos representam as quatro linguagens, dança, teatro, artes visuais e a música, além de abranger a literatura que é um dos elementos básicos do aprendizado de todas as áreas do conhecimento. Desta maneira, a leitura terá a função de aproximar as experiências ocorridas no local onde o trabalho foi realizado com a realidade vivida pelos professores de outras localidades, que podem conter semelhanças.

Conhecendo um distrito de São Francisco do Conde

No livro *Na minha pele*, o autor Lázaro Ramos nos ajuda a entender um pouco da realidade da Ilha do Paty, um dos pequenos distritos da cidade de São Francisco do Conde.

“Minha história começa numa ilha com pouco mais de duzentos habitantes, na baía de Todos os Santos. Uma fração de Brasil praticamente secreta, ignorada pelas modernidades e pelos mapas: nem o (quase) infalível Google Maps consegue encontrá-la. É nessa terra minúscula, a Ilha do Paty, que

estão minhas raízes. O lugar é um distrito de São Francisco do Conde — município a 72 quilômetros de Salvador, próximo a Santo Amaro e conhecido por sua atual importância na indústria do petróleo. Na ilha, as principais fontes de renda ainda são a pesca, o roçado e ser funcionário da prefeitura.” (2017, pág. 15)

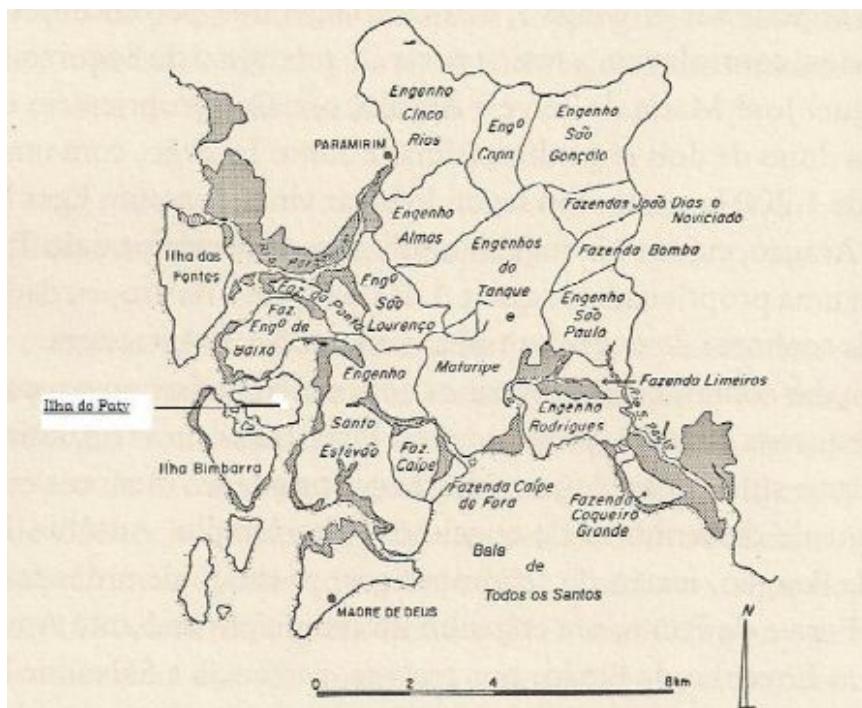


Figura 3: Mapa dos distritos de São Francisco do Conde. Fonte: Registros Eclesiásticos de Terras, Arquivo Público da Bahia, p. 192.

Na Ilha do Paty, o grupo folclórico “As Paparutas”, é formado por Dona Ziza e há mais de 100 anos, eventualmente, reúne mulheres de distintas idades, vestidas com roupas coloridas. Elas têm a missão de manter viva a tradição de preparar pratos típicos da cozinha africana, como o acarajé, caruru, frigideira de siri, moqueca de camarão, peixe frito e o feijão fradinho; a “papa” que dá origem ao nome do grupo. O Sr. Altamirando de Amorim, tocador do grupo, explica que se trata de um neologismo, pois não será encontrada a palavra “Paparuta” no dicionário, é uma palavra criada. A palavra que mais se aproxima do seu significado é *paparrota*, palavra portuguesa que significa alardear com impostura e ou *paparrotagem* (Programa Conexão Bahia, exibido em 04.08.18 pela TV Bahia), que significa mistura, mexido ou amassamento de comida. Daí vem as “paparutas boas”, mulheres que fazem comidas boas. Trata-se de uma comédia (termo utilizado pelos habitantes de lá), um evento que acontece na comunidade há quase 100 anos. Dentro da atuação desta comédia se viam personagens como Dão Jorge, as carrueiras, mexe mexe, mulatinha dengosa e também as paparutas. Mas somente as Paparutas sobreviveram até os tempos atuais. Elas, após prepararem as

iguarias, saem de casa dançando ao ritmo dos tambores com os pratos na cabeça em direção à pequena praça, onde todos os moradores da comunidade já as aguardam para começar a festa. Cada paparuta é responsável pelo prepraro e pelo oferecimento de um prato específico. Enquanto os homens tocam o samba, no centro da roda fica uma Paparuta vestida de branco, dançando com uma colher de pau na mão e um grande caldeirão. É ela quem aprova ou não os pratos, que lhe são apresentados pelas demais. A mais velha das paparutas, Dona Zilda (afilhada da fundadora do grupo), ainda acompanha o grupo, no entanto não tem mais condições físicas para participar das apresentações. Ela afirma que o grupo não se apresenta mais com a mesma frequência de antigamente, porque as novas gerações não demonstram interesse em manter viva esta tradição.

O termo *Paty* se refere a uma palavra indígena que dá o nome a uma espécie de palmeira muito comum na região da zona costeira da Bahia. Em visita à ilha, numa conversa com o Sr. Altamirando, que gosta de ser chamado de “Miranda”, perguntei sobre a incidência de características de povos indígenas, já que o nome do local se trata de uma palavra indígena. Ele falou que nunca havia escutado falar sobre, mas que conta-se que a ilha foi doada por D. Pedro II a um amigo e que por muitos anos o local foi uma fazenda de gado da família Queiroz, cujas ruínas ainda se encontram por lá, hoje dentro de uma mata fechada. Além do casarão, dizem também que já encontraram, em meio à mata, uma pequena olaria abandonada. A falta de registros históricos sobre o local dá credibilidade às histórias contadas pelos mais velhos, passadas de geração a geração, que afirmam que o local já serviu de esconderijo para grupos de negros escravizados fugidos da cidade sede São Francisco do Conde e Santo Amaro.

A visita solo me deixou com vontade de levar os alunos, residentes de outras localidades, para conhecerem a ilha e a sua comunidade, que, além de formar base para melhorar os conteúdos, enriquecem e dinamizam as aulas com a experiência vivida. Para mim, conhecer o ambiente em que os meus alunos vivem é fundamental para entender seu comportamento e ajudá-los a fortalecer sua identidade cultural. Dando-me inclusive sabedoria para lidar com situações vividas em sala de aula.

O fato é que os alunos que residem na ilha sofrem preconceitos dos outros colegas por chegarem atrasados devido ao difícil acesso, por possuírem características diferenciadas e uma cultura peculiar aos habitantes do lugar, que é um local bastante

simples, ainda que contemple uma paisagem belíssima. O vínculo com a africanidade que originou o local aparenta ser o fator principal do sofrimento de atos preconceituosos que geram uma retração na reação dos alunos que residem nesta ilha, os quais geralmente preferem não lutar pela valorização da sua própria cultura, tornando-a assim, menos conhecida e consequentemente, menos valorizada. Percebo que existe uma necessidade de resgate das manifestações culturais e auxílio para que outras pessoas possam conhecer a cultura de cada localidade, de maneira mais minuciosa. A nossa cultura pode sofrer modificações mas nunca extinguir, pois os costumes construídos e deixados ao longo dos anos pelos nossos antepassados precisam ser reconhecidos uma vez que compõem a história da nossa origem e transmitem sabedorias.

A partir da observação dessa problemática, percebi a relevância de fomentar a resistência das tradições que caracterizam os distritos existentes nas cidades baianas, de maneira que cada população possa contribuir com seus conhecimentos, possa sentir orgulho de expor a sua cultura e possa disseminar o conhecimento popular comum na região. Oportunizar aos alunos um momento de mostrar o que aprendeu em suas comunidades, quanto ao aproveitamento da apreciação e apresentação de suas manifestações fazem com que a valorização da sua própria identidade seja motivadora até mesmo para a melhoria da autoestima, de modo que a reação positiva seja fomentada de maneira tal que cada um possa demonstrar sua própria cultura com orgulho e de forma prazerosa. “Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal”; esclarece a arte/educadora Ana Mae Barbosa(2010).

A participação do jovem como protagonista das suas ações demonstra a sua capacidade como fonte de iniciativa, estimulando responsabilidades. Neste caso, a responsabilidade é manter suas tradições vivas como valorização de suas origens. Dessa forma, o jovem pode atuar na escola realizando atividades que não só os envolvem, mas a toda comunidade, visando à integração de todos nesta ação. O protagonismo juvenil sugere atividades para o bem comum, pode resultar, por exemplo, na diminuição do seu envolvimento com o crime e a violência, podendo também diminuir o índice de automutilações e até suicídios em função da desvalorização pessoal. No resultado dos trabalhos realizados na escola, foi possível comprovar que os alunos passaram bastante tempo se empenhando para as apresentações que foram solicitadas. O estímulo através

de apresentação em seminários fortaleceu a disseminação dos conhecimentos populares - graças à mobilização dos alunos, que perceberam a importância dada por mim como professora - bem como o respeito dado pela comunidade escolar que permitiu a utilização do espaço para as apresentações.

Essa experiência nos fez perceber a necessidade da aplicação da metodologia triangular de Ana Mae Barbosa. A metodologia busca a melhoria do ensino de arte baseado num trabalho ainda mais integrador. O processo do fazer artístico, a leitura de imagens e a contextualização interagem e a realização dessas etapas induz o desenvolvimento crítico do aluno em uma dinâmica sociocultural que abrange o fazer, o ler e o contextualizar.

Arte como experiência

Comecei a trabalhar no CEAS em 2017 via concurso público, assim como os demais professores das outras disciplinas. Sendo assim, todo o corpo docente foi modificado neste mesmo ano. A modificação ocasionou uma grande resistência dos alunos quanto à aceitação de professores de outras cidades atuando na região, portanto cada professor foi buscando meios de promover uma aproximação com os discentes.

Iniciamos com o apoio da gestão para realizarmos uma aula de campo. Nesta aula, professores e alguns funcionários da escola visitaram todos os municípios em que tínhamos alunos residentes. A chegada era recepcionada pelos alunos e a aula era realizada por eles, que explicavam o que sabiam a respeito do distrito onde residiam. O racismo estrutural era nitidamente visível, segregando os moradores da cidade sede dos moradores dos distritos através da organização econômica e política da cidade.



Figura 4: Aula de campo nos distritos de São Francisco do Conde; Fonte: Arquivo pessoal.

Poucos alunos nos receberam, talvez pela maioria não se sentir interessada em mostrar para seus, então, novos professores a sua realidade. A impressão é de que se tratam de locais esquecidos, ignorados sem que seja dada a importância devida à existência de diferenças sociais significativas.

Utilizei as linguagens artísticas como recurso e fui experimentando cada uma delas por vez para ir percebendo a aceitação de cada turma. Neste ano, trabalhei com turmas de 7º e 9º anos. A música foi a que os alunos demonstraram maior interesse. Desde então, passei a realizar trabalhos com o intuito de diversificar as metodologias a fim de explicar os conteúdos e, ao mesmo tempo, buscando a aproximação e a participação de todos os alunos. Vejamos alguns deles:

1. CORDELIZARTE (2017-2018)

Iniciei este projeto através da música, pois, percebendo que muitos deles (como todo adolescente) costumavam escutar com frequência, passei a analisar qual seria o estilo musical que facilitaria a minha aproximação com os alunos. Escolhi o Hip Hop, por ver que muitos gostavam e por conter letras que induzem a reflexão do cotidiano. Apropriei-me das rimas para contar um pouco do surgimento do Hip Hop no Brasil, explicando que tudo se iniciou com a cantoria dos repentistas e a literatura de cordel. O repente é um improviso musical e poético, cantado em duplas que duelam na

composição espontânea das estrofes. As estrofes improvisadas obedecem a regras rígidas de métrica, rima e coerência temática, assim como acontece no texto dos cordéis.

Escutamos algumas músicas tentando extrair semelhanças e diferenças para que pudéssemos identificar cada ritmo, ação que desenvolve sensibilidade artística. Chegamos juntos à conclusão que Rap é o movimento, Hip Hop é a música, Break é a dança e Grafite é a ilustração. Posteriormente, fiz exibição de vídeos sobre os ritmos musicais (repente e Hip Hop) e sobre o processo produtivo do livreto; fizemos também leitura de cordéis, de forma silenciosa e voluntariamente recitada; os alunos fizeram desenhos para ilustrar os cordéis criados por eles com características da xilogravura. Alguns desenhos foram escolhidos para serem ampliados em cartazes que foram utilizados na decoração da exposição dos livretos produzidos. A exposição permitiu que alunos de outras turmas pudessem ler as produções dos seus colegas; Com eles, conheci o som do cantor Hungria, representante do Hip Hop nacional; para eles apresentei os cordelistas Patativa do Assaré e Bule-bule. Pude ainda explorar diferentes linguagens artísticas como a moda, a dança e a arte visual expressada nas obras em grafite. O universo do cordel encantou a grande maioria, até porque nem conheciam a sua existência.



Figura 5: Ampliação do desenho e exposição dos cordéis, disponibilizando para leitura;
Fonte: Arquivo pessoal.

Em 2018 o projeto ganhou nome, *Cordelizarte*, realizado com as turmas de 7º ano do ensino fundamental II do CEAS, a fim de fazê-los compreender a sua própria identidade de forma a conscientizá-los de que a sua realidade não está diminuída em relação às de outras comunidades. Consequentemente, relacionamos o ambiente onde os alunos vivem com a linguagem poética do cordel, fazendo-os perceber o valor da sua própria cultura. Além de esclarecer a importância da tradição em um processo artístico,

histórico e cultural, contribuindo assim para o desenvolvimento nacional/regional, esse processo pode evoluir através das manifestações artísticas envolvidas, evidenciando os benefícios gerados pelo aprendizado. Escolhi o cordel também pela necessidade de desenvolver a leitura. A leitura e a interpretação dos alunos se mostraram deficientes e demandaram uma melhora considerável. Surgiram textos questionadores que reclamavam da situação atual dos distritos em que residem, mas também surgiram textos bem poéticos exaltando a beleza natural dos lugares e das pessoas. Vejamos alguns exemplos:

“Lá na minha rua

tem muita brincadeira.

pula corda, esconde-esconde,

tocadores de capoeira.

A polícia entra todo dia

e não tá pra brincadeira!"

J. H., 7º ano

“No Caípe de cima

tem casa, animais e flores.

Tem ruas que são de pedra

mas tem borboletas e cores.

Na minha casa tem um jardim

que inspira muitos amores."

W. , 7º ano

Ao notarem que eu estava disposta a escutar as reclamações deles e que a arte era uma possibilidade para externar os sentimentos, pudemos estreitar os laços da relação entre mim, como professora, e eles, como alunos, desta vez atuantes, escutados, vistos e valorizados. Na leitura de seus cordéis para os colegas de classe, era perceptível a indignação da maioria dos alunos ao expressar a realidade da comunidade em que vivem. Demonstrando insatisfação com buracos nas pistas que nunca foram consertados; com a abordagem policial truculenta e rotineira; com o problema do tráfico de drogas, assaltos. O que remeteu à reflexão de Milton Santos que afirma que “... não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro.” (2000, pág. 56)

2. DESPERTANDO A CONSCIÊNCIA NEGRA (2017-2018)

Após esse primeiro passo da conquista da participação dos alunos, realizamos diversos trabalhos abrangendo conteúdos e buscando melhorar a autoestima deles, já que este é um dos problemas mais explícitos na região. Explorei o que pude da arte para que os alunos percebessem que, apesar de estarmos falando da importância de povos ancestrais, na atualidade existem muitos negros atuando em diversas áreas e que conquistaram sua visibilidade na sociedade. Conhecer as tradições antigas foi importante, mas foi muito interessante também ver as adaptações sofridas por essas tradições na contemporaneidade.

Foi assim que, no período entre outubro e novembro do ano de 2017, realizei um trabalho com várias turmas, com releituras do artista Emanoel Araújo, que também é filho da região do recôncavo baiano e hoje é bem sucedido através de sua arte. Conhecer o trabalho de Emanoel Araújo fez alunos e alunas perceberem que existem representantes da região onde vivem que podem ser exemplos de inspiração. O artista plástico baiano nasceu numa tradicional família de ourives, aprendeu marcenaria, linotipia e estudou composição gráfica.

Nos seus trabalhos o artista busca incentivar a autovalorização da população negra e o respeito de quem não se considera da mesma raça, reconhecendo que a participação da população negra de maneira positiva nas artes plásticas brasileiras seja exemplar para que os negros se sintam bem representados, sem precisar seguir um padrão de estética importado da Europa.

Em visita ao Museu Afro Brasil (SP), tive a oportunidade de conversar com o artista Emanoel Araújo e contar sobre a existência dos trabalhos que realizei sobre ele e também sobre os estudos realizados para esta produção escrita. Ele se mostrou entusiasmado em ver que estávamos seguindo com o mesmo propósito e eu me senti extremamente honrada em poder ter a oportunidade de contar sobre um trabalho que talvez nunca chegassem ao conhecimento dele.

Nesta visita, encontrei muitos elementos que representavam a cultura dos meus alunos de São Francisco do Conde. Seria muito interessante se eles pudessem ver tudo de perto, conquanto como se trata de um outro estado, seria uma despesa bastante alta.

Logo, fiz registros fotográficos e anotações para levar este conhecimento para os alunos, a fim de que eles também pudessem entender a importância de cada item sendo modificado de acordo com cada região. Essas possibilidades e esses espaços permitem leituras diferenciadas, criam elos entre o conhecimento popular e a resistência das tradições que alicerçam a cultura.

De volta à escola, realizei uma mostra de vídeos e imagens sobre o artista e suas obras, sugerindo a produção de releituras em forma de desenhos e/ou esculturas. Nesta mostra, em sala de aula, surgiram muitos questionamentos sobre as formas usadas pelo artista, pois não se tratavam de formas geométricas simples e sim de simbologias. Conversamos sobre alguns dos símbolos e seus significados, que muitas vezes representavam elementos religiosos. Deste modo, a intolerância religiosa ficou explícita, gerando assim um longo debate sobre o objetivo da arte em transmitir mensagens e sentimentos, como uma conexão entre o artista, mensageiro, e o público, destinatário, que pode se identificar com a mensagem ou não, mas nunca desrespeitá-la.

Na culminância do trabalho sobre a consciência negra, realizamos um desfile de moda com temática da cultura afro que revelou a aptidão, e a dedicação, de algumas meninas que demonstraram a vontade de seguir carreira profissional na área da moda. A ideia foi melhorar seu amor-próprio e fazê-las pensar que a beleza vai além de padrões estéticos, por isso não foi realizado um concurso e sim uma exibição voluntária dos jovens como atores da ação. Os alunos que desfilaram foram super aceitos pelos colegas, que davam gritos de apoio durante o desfile. Muitas vezes, o que os discentes desejam é extravasar, poder falar, protagonizar de alguma maneira. Este estado de plenitude transcende o plano do intelecto, dá liberdade e transforma a ludicidade em aprendizado.

O exemplo aludido mostra a utilização da metodologia triangular de Ana Mae Barbosa, em que a comunidade conseguiu *contextualizar* a importância da ancestralidade; *apreciar* a cultura, as vestimentas, as pinturas corporais e as músicas relacionadas às origens africanas; e *praticar*, por meio de um desfile, a realização de um evento cultural que valoriza a beleza dos jovens que compõem esta comunidade.



Figura 6: Desfile/ Consciência Negra; Fonte: Arquivo pessoal.

Dando continuidade à formação identitária, de acordo com a LEI N° 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena", os professores de diferentes linguagens artísticas da escola resolveram, em consenso, produzir um festival cultural. O festival foi realizado no segundo semestre de 2018 aproveitando a data comemorativa do dia da consciência negra. A proposta foi mostrar a influência da cultura negra africana na nossa cultura contemporânea. No Projeto "A coisa tá preta no Ceas!", em apenas três dias de evento, realizamos oficinas de dança afro e pintura corporal, ensaios fotográficos, confeccionamos cartazes e máscaras africanas, apresentação de professores e alunos, além de desenvolvermos a apreciação de diferentes manifestações culturais, estimulando o processo criativo, nutrindo a visão estética e motivando a manutenção das tradições culturais. Os alunos contemplaram apresentações das Paparutas do Paty, da Esmola cantada de Santo Estevão, do grupo infantil de Samba Chula Filhos da Pitangueira, além das apresentações dos próprios colegas produzidas nas aulas de artes e nas oficinas do Mais Educação que realizou ações educativas em turno oposto ao da aula.



Figura 7: Projeto “A coisa tá preta no Ceas!”/ Consciência Negra; Fonte: Arquivo pessoal.

As dificuldades em mantê-los concentrados foram intensas, pois o processo de valorização é gradativo. A agitação causada pelo acontecimento de um evento diferente na escola ocasionou até reações de duas das senhoras que foram apenas se apresentar e terminaram pedindo demonstração de educação e participação dos alunos, mas também foi mais um evento de revelações de muitos discentes com dons artísticos. As vivências promovidas pelos dois eventos permitiram que os estudantes pudessem praticar, apreciar e contextualizar a cultura de sua cidade. O resultado foi muito mais proveitoso que os eventos anteriores e isso comprovou que a insistência em mostrar outras alternativas de expressões culturais faz com que os alunos possam se interessar e mostrar disposição a dar continuidade às culturas tradicionais que contam a sua própria história.

3.SEMINÁRIO CULTURAL (2018)

A criação do seminário cultural teve o propósito de preparar os educandos para uma possível apreciação das manifestações culturais nas suas respectivas datas festivas, nos ambientes tradicionais de apresentação. Houve a ideia, a preparação, mas não consegui a autorização da gestão em levar os alunos para participar dos manifestos, em função das dificuldades com a logística de transporte e alimentação.

No seminário, as manifestações culturais: Lindroamor, Nega Maluca, Mandus, Capabodes, o Samba de roda, as Marisqueiras e suas canções, e as Paparutas, foram sorteadas para que fossem estudadas pelas equipes. Os alunos fizeram pesquisas, registros escritos e apresentação para sua turma.



Figura 8: Apresentação dos alunos mostrando as pesquisas sobre as manifestações culturais.

Fonte: Arquivo pessoal.

O seminário ajudou a entender a importância e o reconhecimento dessas manifestações que costumam ser mais valorizadas por turistas do que pelos moradores da própria cidade. As apresentações em sala foram muito divertidas e proveitosa, usaram vídeos, cartazes, danças, encenações interagindo com diversas linguagens artísticas. A experimentação em grupo ajudou aos mais tímidos a participarem das apresentações das aulas de Artes visuais e ainda os auxiliou na preparação para as apresentações dos professores de Teatro, Dança e Música, já que a rede municipal franciscana trabalha as quatro linguagens com professores especializados para cada uma delas.

Desta maneira, à medida que percebemos a disposição dos alunos em mostrar o resultado dos trabalhos pudemos expandir as apresentações, que foram feitas em sala, para que todos os alunos da escola pudessem assistir.

4.VOARTE (2018/INTERDISCIPLINAR)

No Voarte, projeto fixo e interdisciplinar com participação de toda a rede franciscana, trabalhei com foco na fotografia. Em 2018, o projeto teve como tema *Historiar: caminhos, leituras e faces de um povo*, em que cada professor escolhia a forma de explorá-lo. Fizemos então uma mostra de registros fotográficos dos distritos em que residem os alunos do 7º ano; e uma releitura fotográfica na qual os alunos do 8º e do 9º ano se tornaram protagonistas de uma obra de arte famosa de sua escolha.

Na mostra fotográfica, os discentes buscaram destacar a beleza dos distritos onde vivem e revelaram lugares lindíssimos, embora alguns deles tenham demonstrado que

não enxergavam belezas na simplicidade de algumas localidades. Pedi que, ainda que houvesse esse pensamento, enviassem as fotos desses ambientes, por acreditar que numa exposição a sensibilidade artística modifica o olhar. Além disso, ouvir a opinião de outro visitante da exposição, residente de outro local, gera pensamentos reflexivos que quebram o paradigma de que “a grama do vizinho é sempre mais verde”. A escola também é um lugar para exercer os princípios da democracia no acesso às informações e na troca de opiniões que sugerem uma formação estética.



Figura 9: Fotos tiradas pelos alunos dos ambientes em que residem.

O trabalho objetivou a valorização do meio e o sentimento de pertencimento em cada aluno. Propiciando uma aproximação com os elementos culturais representados nas fotos dos diferentes distritos. O resultado foi proveitoso, mas o objetivo não foi alcançado por todos, representando apenas um passo para a construção da identidade cultural dos discentes.

Com os estudantes maiores, das turmas do 8º e 9º ano, produzimos releituras fotográficas. Nesta atividade, os alunos aprenderam o conceito de leitura como decodificador e de releitura como nova maneira de expressar uma mensagem, depois colocaram em prática todo conhecimento absorvido. Iniciamos escolhendo as obras com as quais eles mais se identificaram ou gostaram do visual; depois os conduzi à pesquisa sobre a obra, bem como o período artístico em que foi criada, o contexto histórico da época e as dificuldades sofridas pelos artistas na sua produção. Escolhi a releitura fotográfica como vertente de uma expressão que complementa os conteúdos aplicados,

na qual podemos utilizar os princípios performáticos para representar o personagem expressado nas obras. Nas obras que tinham mais de uma figura humana foram representadas coletivamente. Assim, foi possível ver nas imagens produzidas por eles os traços da realidade em que vivem, valorizando não só a estética, mas também a sua cultura.



Figura 10: Releituras fotográficas produzidas pelos alunos.

Representaram o samba, dança de roda bastante frequente na região do recôncavo baiano; os trabalhos mais comuns entre a população da região, como os lavradores e as marisqueiras; expressões que fazem parte do cotidiano dos alunos. Percebemos também que algumas pinturas que foram originalmente representadas por pessoas de pele clara, na releitura foram retratadas por pessoas de pele negra sem que houvesse mudança no sentido da obra. Vale ressaltar também que muitos alunos procuraram obras que expressassem pessoas negras, buscando algo que mais se identificassem, mesmo não se tratando de obras de arte famosas e conceituadas. A releitura oportunizou a leitura a partir de outros sentidos. Tornou perceptível a compreensão e interpretação da obra, de forma envolvente onde todos os sentidos foram despertados. É uma nova interpretação, feita com estilo próprio, sem fugir, portanto, ao tema original. A ideia foi fazer com que a leitura da imagem fosse algo tão natural como a leitura de um texto. Pudemos ainda ter um produtivo debate a partir das diversas interpretações, aproveitando a oportunidade para fazer com que a valorização da sua própria identidade se tornasse motivadora para sua autoestima.

Citar a questão racial para os estudantes foi essencial, já que a população da cidade estava sob intensa reflexão fomentada pelos alunos da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), sobre a presença da “Nega Maluca” no carnaval franciscano. A personagem Nega Maluca foi criada por Luís

Carlos dos Santos Sacramento, conhecido em São Francisco do Conde como Neném, com o propósito de criar algo que fosse único e especial no carnaval do Brasil. O problema é que o nome da personagem e as atitudes que são realizadas durante a performance passam um estereótipo com tom depreciativo à mulher negra.

Na unidade escolar CEAS, tomamos outras decisões ao longo do nosso trabalho, buscando um avanço no rendimento dos alunos desde 2017. Trabalhamos de forma interdisciplinar; oferecemos reforço preparatório aos alunos do 9º ano, para que obtivessem bom rendimento na realização do exame de seleção do IFBA e, logo no primeiro ano, conseguimos a aprovação de uma das nossas alunas. Em 2018 realizamos, com as turmas de 8º ano, um projeto sobre o manguezal para que eles entendessem melhor o meio ambiente no qual estão inseridos. Eles produziram cartazes, levaram exemplos de culinária utilizando mariscos extraídos do mangue e fizeram apresentação oral para os visitantes de outras turmas. Integrando as disciplinas de Ciências, Geografia, Artes e Português; conseguimos transporte e lanche para uma aula de campo onde assistimos a um espetáculo de dança no teatro Vila Velha, em Salvador. A ideia inicial era que os estudantes pudessem ter acesso à ambientes artísticos que exploram as linguagens aprendidas na escola; e que cada ação dessa fosse ampliando a visão dos alunos, ao ponto de fomentar novas esperanças que motivam cada vez mais a participação dos discentes.

A importância de cada experiência passada compreende os passos que foram dedicados aos avanços educacionais dos alunos, demonstrando ainda o afeto despertado entre as relações entre alunos e professores. No livro *Arte como experiência* (2010), John Dewey explica que:

“Essa tarefa é restabelecer a continuidade entre, de um lado, as formas refinadas e intensificadas de experiência que são as obras de arte e, de outro, os eventos, atos e sofrimentos do cotidiano universalmente reconhecidos como constitutivos da experiência.”(2010, pág.60)

O aproveitamento das vivências é imprescindível para a construção dos valores identitários. As ideias de John Dewey sugerem que o ensino deve se articular com a realidade em que o(a) aluno(a) vive, dando sentido ao estudo da herança cultural. Segundo Dewey, "educação é vida" e, portanto, se processa ao longo de sua existência vinculada ao meio social. O ambiente escolar é o meio social que mais comprova as

teorias de Dewey, por isso foram citadas diversas experiências que podem auxiliar outros educadores.

Para mediar a construção da identidade cultural dos educandos é preciso que o educador experimente metodologias e se identifique também com a cultura que pretende ensinar. O importante é que a integração entre professores e alunos aconteça sempre. E, já que podemos fazer isso em forma de festa... que comecem os festejos!

Conclusão

O uso da arte na formação humana serve como recurso motivador para uma educação mais criativa. Não podemos retroceder a educação com ações conservadoras, muitas vezes finalizadas com exames vazios. A partir das experiências relatadas, é possível perceber a necessidade de investimentos em situações sociais de desenvolvimento que promovam vivências. Buscando a formação e o desenvolvimento intelectual, moral e social. Situações que promovam a reconfiguração de novos sentidos, que gerem ampliação da consciência sobre as limitações e as possibilidades de atuação dos professores diante da realidade contemporânea. A análise da conexão entre as vivências edificadas pela arte, as configurações de novos sentidos ocasionados pela transculturalidade e a reflexão sobre a condição atual ampliam a consciência dos professores e dos alunos, independente da linguagem artística que for utilizada. O progresso educacional efetivado pelas ações citadas interfere no rendimento de todas as disciplinas, uma vez que permite diferentes oportunidades de entrever o que está sendo estudado.

Na proposta pedagógica que acompanha o artigo não apresento a descoberta de uma nova metodologia, mas sim uma preocupação com a essência das tradições inseridas nas manifestações culturais, e algumas demonstrações de experimentos que deram certo. Não se trata somente do fazer artístico, o foco principal é adquirir conhecimentos. Para que haja uma consciência de identidade é necessário que se tenha capacidade de entendimento, para decodificar as informações passadas numa produção artística. Acredito que essa experiência possa dar certo em outros distritos, desde que se

conheça e entenda o ambiente em que os professores atuarão como mediadores, para identificar os problemas que precisam ser resolvidos.

Os problemas citados neste artigo são problemas comuns a outras cidades brasileiras. A relação com a religiosidade vem sendo um problema sociocultural desde o período da colonização, fazendo com que a busca pelo respeito seja um caminho longo e contínuo. Já a globalização demonstra aspectos positivos e negativos para o desenvolvimento educacional. Trazendo complexidade à formação da identidade cultural, portanto a formação escolar deve sim orientar e exibir elementos que auxiliem na mediação do consumismo e no uso das novas tecnologias.

A mediação em cada experiência elaborada pelo professor pode moldar as atitudes futuras de seus alunos. A ideia da Proposta Pedagógica é que essa mediação ocorra de forma lúdica e prazerosa, por isso traz a festa como produto final! É claro que não dá pra aprender tudo na prática festiva, porém a integração entre professores e alunos gerada com ela, pode ser traduzida em bons rendimentos em outras ações educacionais. Para chegar ao objetivo deste Projeto Pedagógico, o ideal é permitir vivências que alimentem o sentimento de pertencimento de cada cidadão, é fazer com que os alunos percebam que tudo que sempre esteve inserido no seu cotidiano é importante, a ponto de fazer com que batam no peito e digam, em alto e bom som, “Eu sou a minha cidade!”.

Proposta pedagógica

O projeto “*Mediando a construção da Identidade Cultural em distritos da Bahia*” propõe experiências que moldam a identidade cultural de alunos que residem em distritos do estado da Bahia, embora sejam experiências que cabem também na realidade dos distritos localizados em outros estados. A ideia é fazer com que esses moradores dos distritos não se sintam inferiores aos moradores da cidade sede, se apropriem da cultura local e se sintam pertencentes à região.

Resumo

O projeto “*Mediando a construção da Identidade Cultural em distritos da Bahia*” visa auxiliar na formação da identidade de alunos de escolas da rede pública de ensino que cursam o Ensino Fundamental II, tendo o(a) professor(a) como mediador(a) das vivências que podem ou não determinar uma identidade cultural. E a escola aparece como espaço gerador de oportunidades, já que as ferramentas culturais nos distritos costumam ser limitadas. Utilizamos assim as quatro linguagens artísticas como recurso motivador deste aprendizado de extrema importância pessoal. A proposta sugere ideias que oportunizam a experimentação da produção de artes visuais, música, dança e teatro envolvendo temáticas da cultura local.

Objetivo

O objetivo é minimizar os problemas identificados em cada distrito de atuação do educador. Todavia, através da arte talvez não se resolvam os problemas do mundo, mas se amenize a situação. As práticas artísticas costumam atrair grande parte dos alunos por possibilitar experiências bem diferentes das vividas por outras disciplinas, além de permitir diversas formas de expressão através das linguagens artísticas, pois estão presentes nas festas populares e nas manifestações culturais.

As práticas educativas artísticas e as intervenções educacionais para aprender a fazer e conhecer sobre arte são fundamentais para considerar a cultura como um fator importante na aprendizagem. É preciso se apropriar da sabedoria popular como algo que se conserva, mas que também se rompe e se transforma. Não há como avançar partindo do nada! Para construir um saber competente é necessário promover situações frequentes de uso/reflexão/uso das tradições culturais que caracterizam a realidade dos alunos.

Aprender e/ou ensinar arte é criar uma maneira de ressignificá-la no contexto didático, por isso, é necessário que o aluno viva a arte na escola. A vivência escolhida neste projeto atrai pelo uso de produções que induzem a reflexão da valorização do cotidiano dos alunos e do ambiente onde eles vivem. Fomentando assim a expressão de sentimentos capazes de transformar a ação em memória afetiva. Esse afeto gera um

aprendizado inesquecível que pode ser transformado numa atração pela manutenção das tradições de cada local.

Para que haja êxito é necessário buscar elementos que representam a cultura local, analisando vestimentas, ritmos, tipos de dança, entre outros. E buscar, através destes costumes, integrar os alunos com a comunidade escolar. Se o mediador demonstra reconhecimento e interesse, motiva a dedicação dos alunos.

Recursos

A festa popular e a expressão das manifestações culturais são, na verdade, um atrativo para incentivar a participação de todos. Nelas desfrutam-se as etapas necessárias para o acontecimento, que vai desde a ideia de apresentar em comemoração a algo até a apresentação propriamente dita.

ANTES

Na preparação, as artes visuais trazem teoria e elementos decorativos, da vestimenta ao cenário. Os ensaios das músicas, das danças e das encenações integram os alunos e exigem atenção e empenho. A mediação sobre o controle, do corpo e das emoções, ajudarão os alunos na concentração e dedicação no aprendizado, que, futuramente, serão exercitadas de forma natural em outras disciplinas, pois nos ensaios terão muitas oportunidades para extravasar emoções quando se fizer necessário.

DURANTE

Na manifestação, o espetáculo fica por conta da música, da dança e das artes cênicas dos personagens. As artes visuais vêm com o propósito de completar a mensagem através de simbologias presentes nas formas e cores. A participação do público é fundamental para dar significado a todo trabalho realizado. Para o público, a apreciação propõe um momento de lazer que pode ajudar a esquecer das dificuldades encontradas na vida, ainda que por alguns instantes.

Para quem apresenta, a emoção de protagonizar e de mostrar o que aprendeu fazer, é indescritível. É justamente o momento de se sentir mais pertencente à comunidade, e de se orgulhar por perceber a valorização diante da reação do público.

DEPOIS

Após a apresentação, vem a satisfação, principalmente se não houver nenhum contratempo. É preciso analisar o que pode ser aproveitado para possíveis apresentações futuras. Os elogios dos amigos, parentes e vizinhos motivam outras participações e a coragem de apresentar pode motivar outras pessoas a participarem também.

Como a tecnologia está inserida no nosso cotidiano atualmente, o “depois” também é marcado pela visualização dos registros fotográficos e pelas postagens nas redes sociais, o que aumenta ainda mais a divulgação do evento.

Momentos de apresentações geralmente causam tensão e nervosismo, e isso tudo é superado com a ação: o apresentar. O objetivo mais importante é que gerem memórias afetivas, que tragam boas lembranças, remetendo às manifestações culturais a algo bom, onde podemos nos reunir e comemorar.

Metodologia baseada na Proposta Triangular

A rotina escolar exige uma diversidade de técnicas para que os objetivos sejam alcançados. As formulações sobre os fenômenos de influência da cultura no processo de aprendizagem esclarecem muitos fatores, principalmente na arte.

Diante de todas as vivências com os alunos residentes nos distritos de São Francisco do Conde, acredito que o ideal é a realização de um projeto que aconteça no turno oposto ao turno escolar. Desse modo, além de ser uma maneira de manter o alunado por mais tempo na escola, também se caracteriza como um momento de lazer e integração entre eles e a realização do projeto não comprometeria o conteúdo exigido nas aulas de artes pela matriz curricular da rede de ensino.

No decorrer da utilização da proposta pedagógica, é possível identificar os alunos que mais se dedicaram e os mais habilidosos, havendo assim a facilidade de direcioná-los para a apresentação com os correlatos do grupo original. Por exemplo, um

dos alunos pode ter aprendido a tocar um instrumento musical rapidamente e demonstrar um grande avanço durante os ensaios. Sendo assim, a mediação seria destinada ao contato com um mestre cultura popular que costuma utilizar o instrumento em que o aluno demonstrou habilidades. Por conseguinte, as ações do projeto ajudariam bastante na resistência das tradições.

Para facilitar o envolvimento e o aprendizado dos estudantes o adequado é que os mesmos passem pelo processo de conhecimento de todas as representações culturais da região. O primeiro semestre fica destinado apenas à teoria, com realização de pesquisas, visualizações de vídeos e audição de palestras de produtores culturais. Já no segundo semestre, iniciaria a parte prática na qual os alunos selecionam a manifestação cultural com que se identificou. Logo, estariam divididos os grupos de alunos de acordo com suas escolhas para dar início à programação dos ensaios. Em meados do mês de setembro, seriam agendadas as apresentações de um seminário cultural a realizar-se próximas às suas respectivas datas comemorativas. Seguindo o calendário festivo de São Francisco do Conde, a primeira apresentação seria a do Lindroamor, que se apresenta na cidade sede no dia 27 de setembro.

Este modelo de trabalho prioriza as relações emocionais muito mais que os exercícios que costumam ser feitos nos cadernos. Fazendo com que as experiências artísticas deem origem ao processo de sistematização da proposta triangular, criada pela arte/educadora Ana Mae Barbosa. A proposta abarca sobre o ler, o fazer e o contextualizar, induzindo a um pensamento articulado com o conteúdo ensinado. A leitura de imagem, a visualização dos vídeos e o fazer artístico permitem embasamentos para a realização de análises e comparações que podem ser contextualizado pelos alunos, exigindo do(a) professor(a) mediar o que será aceito como tradicional e o que pode sofrer modificações de acordo com a realidade atual. Ainda que essas modificações sejam vivenciadas no ambiente escolar, como uma transculturalidade, essa abertura permitida pode demonstrar uma boa aceitação por parte dos discentes. O propósito de vivências com este perfil é ajudar a estabelecer uma conexão entre o presente e o passado, tudo isso sem bloquear o desenvolvimento crítico dos alunos e sem a perda da essência das tradições.

Etapas do projeto

Esse processo de ensino-aprendizado pode ser seguido pelas seguintes etapas:

1) Planejamento (fevereiro):

Planejar as aulas destinadas a cada elemento cultural com a preocupação de inserir no conteúdo o local onde acontece a manifestação cultural, a origem e a sua importância. Enumerar a ordem dos elementos culturais que serão abordados iniciando pelos costumes diários como as tradições das marisqueiras e dos pescadores, por exemplo, e dar continuidade com a preocupação de seguir a ordem cronológica de apresentação de acordo com o calendário de eventos disponibilizados pela prefeitura que foi publicado no diário oficial do dia 09 de janeiro de 2020.

A título de exemplo, a ordem das aulas de acordo com os respectivos dias de apresentação, considerando a experiência em São Francisco do Conde foi:

1. Costumes dos Pescadores;
2. As marisqueiras e suas canções;
3. Lindroamor;
4. Paparutas (Festejos de São Roque);
5. Personagens do carnaval: Nega maluca, Capa bode, Meninos de lama, Amigo-folhagem e Mandu;
6. Samba chula e Samba de Roda;
7. Regata de Canoas de Santo Estevão;
8. Reisado glória e louvores.
9. Esmola cantada (Festas religiosas);
10. Quadrilhas juninas;

2) Teoria (1º semestre/ março a junho):

- Destinando aproximadamente duas semanas para cada manifestação cultural.

-Aulas expositivas com leitura de textos, mostra de vestimentas e materiais utilizados pelo grupo cultural que estiver sendo estudado;

-Mostra de vídeos/ filmes/ livros sobre o grupo cultural e a região em que o grupo atua para ilustrar o aprendizado da aula anterior;

-Aula de campo. Uma primeira vivência experimental praticando o que os componentes dos grupos culturais costumam fazer;

-Elaboração, com a turma, de algumas perguntas para realização de uma entrevista na comunidade com as pessoas que participam dessas representações culturais;

-Organização de palestra de um integrante do grupo cultural estudado.

Atividade: -Realização de pesquisa escrita produzida pelos alunos;

3) Prática (2º semestre/ julho a dezembro):

-Divisão dos grupos para preparação das apresentações das manifestações culturais;

-Ensaio da apresentação;

-Preparo das vestimentas e os adereços que serão usados na apresentação;

-Culminância com apresentações nas respectivas datas comemorativas.

Experimentação

Vejamos nosso exemplo. O calendário festivo da cidade de São Francisco do Conde contém as informações das datas comemorativas de vários eventos, porém foram escolhidas apenas as que mais se destacam na sede e as que representam a cultura de cada distrito. São elas:

Data	Evento	Local
06.01	- Festa de Reis	- Sede
19 a 25.02	- Carnaval de cunho Cultural	- Sede
23.02	- Stº Antônio dos Navegantes	- Ilha das Fontes
19.03	- São José	- Muribeca
21 a 24.06 e 28 a 29.06	- Festejos juninos	- Sede\ Distritos

29.06	- Dia do Pescador	- Sede
27.09	- São Cosme e Damião	- Sede
28.09	- São Roque	- Ilha do Paty
20.11	- Consciência Negra	- Caípe de Baixo
25.11	- Dia Mun. do Samba de Roda	- Sede
Data móvel (dezembro)	- Corrida centenária de canoa e Festival Gastronômico	- Santo Estevão
08.12	- Nossa Sr ^a da Conceição	- Engenho de Baixo e Caípe de Baixo

As situações de aprendizagem podem ser através de mostra de vídeos ou assistindo as apresentações "ao vivo", com comentário posterior do(a) professor(a) sobre a importância da existência do elemento cultural e das regras necessárias para quem deseja participar.

Como avaliação, foi solicitada a produção de texto relatando as características observadas em cada manifestação e uma apresentação retratando a que foi assistida, possibilita uma resposta para mensurar o quanto houve de aprendizado.

Para finalizar, é importante que exista um evento comemorativo onde os alunos possam mostrar, na prática, tudo que foi aprendido na aplicação da Proposta Pedagógica. Cada etapa deve ser contextualizada e valorizada, desde a ideia até a culminância. O processo abrange toda uma riqueza que não se mostra apenas no acontecimento festivo de uma culminância, mas integra, fundamentalmente, o que se aprende e o que ainda pode ser aprendido.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de Arte. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BERTOLOTO, J. S.; CAMPOS, M. das G.; MONTEIRO E. S. Revista de Educação Pública: O ensino da arte na construção de uma identidade cultural no Brasil. Cuiabá, v. 26, n. 62/2, p. 583-601, maio/ago. 2017.

BOTELHO, Helen Barreto. Capabode, Mandú e Amigo-Folhagem: performances negras nos carnavais de São Francisco do Conde/BA no tempo presente. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.

COUQUELIN, Anne. Arte contemporânea: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DA'MATTA, Roberto. A casa & a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DEWEY, John. Ter uma experiência: Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DORING, Katharina. A Cartilha do Samba Chula. Bahia: 2016.

HALL, Stuart. A Identidade cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte. Porto Alegre: Editora Artmed, 2003.

MATOS, Agrimaria N. Trabalho, identidade e processos de mudança: etnografia de uma comunidade do recôncavo baiano. 2011.

RAMOS, Lázaro. Na minha pele. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2017.

ROSA, Maria Cristina. Festa, lazer e cultura. Campinas/SP: Editora Papirus, 2002.

Roteiro de visita ao acervo do Museu Afro Brasil. 2ª edição. São Paulo, 2007.

SANTOS, Daniel Nascimento dos. Arrocha o nó. São Francisco do Conde, 2012.

SANTOS, Milton. O espaço da cidadania e outras reflexões. 2º edição. Brasília: Fundação Ulysses Guimarães, 2013.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VIANNA JR, H. P. O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos. Rio de Janeiro, 1987.

Referências Videográficas

Programa Conexão Bahia; Tv Bahia, afiliada da Rede Globo. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6921282/> . Acessado em 13.02.2020

Terreiros do brincar. Maria Farinha Filmes, dirigido por Renata Meirelles e David Reeks. Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.videocamp.com/pt/movies/terreiros-do-brincar-2017> . Acessado em 28.06.2020.

Samba Chula Filhos da Pitangueira - São Francisco do Conde (BA), série “Um Brasil de viola”. Brasil: Acervo origens, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ryggzs5w4> . Acessado em 12.08.2020

Sites

História da cidade de São Francisco do Conde, site da prefeitura. Disponível em: <http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/cidade/historia/> . Acessado em 17.02.2020.

Manifestações culturais do município de São Francisco do Conde. Disponível em: <http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/cidade/cultura/> . Acessado em 28.06.2020

Exposições Visitadas

Exposição fixa do Museu Afro Brasil, sobre Emanoel Araújo. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/emanuel-araujo> . Acessado em 12.02.2020.

Exposição Todos iguais, todos diferentes? de Pierre Verger. Disponível em: <http://www.pierleverger.org/en/contacts-2/171-non-categorise/br-espaco-foto/exposicoes/acontecendo/todos-iguais-todos-diferentes/672-todos-iguais-todos-diferentes-aplicativo.html> . Acessado em 27.06.2020.